

FICHA DE EPÍGRAFE

Autor / Data

Isabel de Luna / 2019-12-23

Local do Achado Georreferenciado

Ermida de São Julião (Santa Helena), Silveira

WGS84: X -9.382473; Y 39.134934

Local Atual da Peça

Museu Nacional de Arqueologia

Cronologia da epígrafe/objeto

Século I d.C.

Descrição ou Caracterização

Cupa arciforme e monolítica, de calcário lioz. Monumento funerário, ostenta o epitáfio num dos topos, à cabeceira. Na zona inferior das faces longitudinais, apresenta ornatos em relevo: duas faixas salientes, que formam como que a base da campá, imprimindo-lhe solidez. Nos topos, ou secções transversais, a superfície é lisa e sem moldura.

A reutilização do monumento impediu a identificação e leitura da inscrição, que só foi possível em 1858, altura em que evidenciava já algumas quebras e desgaste. Contudo, as letras que subsistiram estavam bem abertas na pedra e com pontuação correta, feita por intermédio de pontos. Posteriormente à leitura feita por Félix Alves Pereira, em 1907, a epígrafe sofreu mutilações que lhe destruíram algumas letras, eventualmente aquando do processo de remoção e transporte para o então Museu Etnológico Português.

O monumento, dedicado a Cecília Máxima, falecida aos 25 anos, foi erigido pelos seus pais, Quinto Cecílio e Júlia Boutia. O pai pertencia à *gens Caecilia* e a mãe à *gens Iulia*. Os filhos ficaram a pertencer à *gens Caecilia*.

A monumentalidade do suporte e o material utilizado na sua produção - que, sendo inexistente em Santa Cruz, terá sido transportado das pedreiras de Runa ou do Figueiredo -, levou à consideração do defunto e seus familiares como romanos abastados ou ilustres.

Condições do Achado

A cupa foi recolhida em Santa Cruz - então denominada de *Santa Cruz de Riba Mar* -, em meados do século XVIII, nos alicerces da antiga ermida de São Julião, construída sobre uma necrópole romana, a qual se desmoronara devido à erosão da arriba,

eventualmente agravada com o terramoto de 1755, estando já, naquela altura, a cair no mar. A epígrafe foi levada, em 1760, para junto da nova ermida, reedificada a escassas dezenas de metros para o interior da arriba, agora sob a invocação de Santa Helena. Aí permaneceu durante largos anos, até o Sargento-mor Félix José da Cunha, do Turcifal, por seu mero arbítrio, a ter colocado, servindo de assento, junto às casas que ali edificou para banhos. Foi aí registada em 1858 – porque até então as letras estavam praticamente soterradas e a cupa argamassada na parede –, quando as casas pertenciam já ao viticultor torriense Manuel Francisco da Veiga. Em 1907, um seu descendente ofereceu o monumento ao Dr. José Leite de Vasconcelos, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Torres Vedras, com destino ao Museu Etnológico Português, onde deu entrada em 1909.

Enquadramento da Peça na Cidade Romana

Tipologia Monumental da Epígrafe

Cupa

Tipo de Inscrição

Funerária

Idioma

Latim

Técnica Aplicada

Gravação

Leitura Interpretada do Texto

CAECILIA Q(uinti). F(ilia). / MAXUMA AN(norum). / XXV . H(ic). S(ita). E(st). / [P]ATER . ET . IVLIA . BOV(tia) / MATER F(aciendum). C(uravit). S(it). T(ibi). T(erra). L(evis).

Tradução do Texto para Português

Cecília Máxima, filha de Quinto (Cecílio), com 25 anos de idade, está aqui sepultada. Seu pai [Quinto Cecílio] e Júlia Boutia, sua mãe, mandaram fazer (este monumento). Que a terra te seja leve.

Bibliografia

Azevedo, P. A. (1907) – Duas inscrições romanas na praia de Santa Cruz. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. 1ª série. 12, p. 102.

Belo, A. R. (1952) – Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo: XIII – Epigrafia Luso-Romana. *Badaladas*. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de São Pedro e Santiago. 59: 01-08-1952, p. 2.

Leal, J. A. G.; Vasconcelos, J. E. C. F. (1862) – [Nota de rodapé]. In Torres, M. A. M. – *Descrição historica e economica da villa e termo de Torres-Vedras: parte historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 2ª ed., pp. 20-21.

Mantas, V. G. (1982) – Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. XXI, p. 38.

Pereira, F. A. (1909) – Tampa de sepultura da época romana. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. 1ª série. 14, pp. 261-265.

Souza, A. (1963) – Antiqua Lvsitania: nomina virorum mulierum deorum deorum aliaque in Lvsitania reperta (elementa ad locupletius studium) (IV). *Revista de História*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 27: 56, p. 453.

Imagens
